



PRÁTICA MUSICAL NA EDUCAÇÃO MUSICAL ESPECIAL: A BANDA BAIÃO DE 2

Flávio Hodara Gaio¹

Maria Cristina de Carvalho C. de Azevedo²

RESUMO

Este relato de experiência apresenta um recorte de pesquisa de mestrado profissional, que visa refletir e sistematizar sobre o processo de ensino e aprendizagem musical desenvolvido na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais do Distrito Federal (Apae-DF). O objeto de estudo tem como foco as experiências docentes vividas nas aulas de música pelo primeiro autor deste texto. A pesquisa tem uma dimensão pedagógica e se volta para uma reflexão sobre a prática docente na música. A metodologia adotada concerne ao diário de campo, às rodas de conversa, à análise de vídeos e às performances dos estudantes. Neste texto, é apresentado e discutido o processo de formação das bandas musicais nas turmas da Apae, a partir da experiência com a banda Baião de 2. As práticas musicais são resultado do trabalho pedagógico musical desenvolvido com alunos com deficiência intelectual (DI) e múltipla (DMU), consistindo em propostas e estratégias de ensino e aprendizagem instrumental, visando a performance. Os resultados demonstram a importância do fazer musical na banda para os estudantes, da sua profissionalização e da autorrealização.

Palavras-chave: Educação musical especial. Deficiência intelectual e múltipla. Banda de música.

ABSTRACT

This experience report presents a piece of a professional master survey that seeks to discuss and order about the process of musical teaching and learning developed by the Association of Parents and Friends of the Exceptional of Distrito Federal (APAE-DF). The aim of this study is focused in the docent experiences lived in the musica classromms of the first authro of this text. The survey has a pedagogical dimension turned to a discussion about the docent practice in the music. The methodology concerns the field diary, the conversations, the analysis of videos and the students performance. In this text, we discuss and present the formation process of music bands in the APAE classes, starting from the experience of the band Baião de 2. The practices are result from the pedagogical work developed with students with intellectual deficiency (DI) and multiple (DMU), consisting in proposes and strategies of learning and teching instruments, aiming the performance. The results demonstrate the importance of the music in the band to the students, of its professionalization and self achievement.

Keywords: Special musical education. Multiple and Intellectual Deficiency. Music band.

¹ Universidade de Brasília. E-mail: flaviogaio@yahoo.com

² Universidade de Brasília. E-mail: criscarvalhocazevedo@gmail.com



INTRODUÇÃO

A Educação Musical Especial (EME) é uma subárea da Educação Musical que envolve práticas musicais para pessoas com deficiências e altas habilidades/ superdotação. Segundo Fantini, Joly e Rose (2016), os estudos acerca desse assunto vêm crescendo, porém, a área merece aprofundamento quanto às especificidades de cada deficiência. Nessa comunicação é apresentado um recorte de pesquisa de mestrado profissional, com foco em pessoas com deficiência intelectual e múltipla do Ensino Especial, especificamente da Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (Apae). O Ensino Especial é uma modalidade de educação que permeia todos os níveis e modalidades de ensino e que garante formação ao longo da vida para o estudante com deficiência (BRASIL, 2018).

A Educação Especial é normatizada no Capítulo V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDBEN 9394/1996, bem como o seu atendimento no sistema educacional brasileiro. Segundo o texto legal:

Art. 58. Entende-se por educação especial, para os efeitos desta Lei, a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação.

§ 3º A oferta de educação especial, nos termos do **caput** deste artigo, tem início na educação infantil e estende-se ao longo da vida, observados o inciso III do art. 4º e o parágrafo único do art. 60 desta. (BRASIL, 2018, p. 39)

Portanto, o compromisso da Educação Especial envolve a educação escolar durante toda vida do estudante, que constitui o público atendido pela Apae. Nesse contexto, o ensino das Artes é um componente curricular obrigatório, conforme normatização da Lei nº 9.394/96, LDBEN, atualizada pela Lei nº 13.278/2016 (BRASIL, 2016), que defende as quatro linguagens artísticas - música, artes visuais, teatro e dança – como partes do currículo a ser desenvolvido na sala de aula. Por conseguinte, pensar uma Educação Musical que atenda ao público da Educação Especial é tarefa de professores de música e imprescindível para a formação dos alunos com deficiência ou com altas habilidades/superdotação: “o debate sobre o tema deve estar cada vez mais presente dentro do meio acadêmico assim como a conscientização da importância de ampliar o número de pesquisas sobre o tema, devido a demanda atual da sociedade” (CIL, 2017, p. 59).



No Distrito Federal (DF), a atuação da Educação Especial se realiza mediante atendimento educacional especializado em escolas comuns, Centros de Ensino Especial da própria Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), como também em instituições escolares conveniadas como Apae, Pestalozzi³, AMPARE⁴ e CEAL-LP⁵, dentre outras instituições. Atualmente, no Distrito Federal existem quatro unidades da Apae, cada uma possui características distintas de atendimento, ou seja, apresentam um atendimento específico que se destaca e dá identidade à instituição. Por exemplo, a Apae da Ceilândia possui foco nas oficinas de panificação, a de Sobradinho nas hortas e na reutilização dos seus materiais e a de Guará objetiva o atendimento para idosos com deficiência que se encontram em situação de vulnerabilidade no ambiente familiar.

A unidade da Apae situada na Asa Norte de Brasília realiza aulas de música para pessoas com deficiência intelectual e múltipla, dando destaque ao trabalho com bandas musicais. Esse trabalho vem sendo realizado desde 2013 e adota o objetivo geral da instituição: capacitação e ingresso dos alunos identificados com deficiência intelectual e múltipla no mercado de trabalho. Além das oficinas de música, são oferecidas diversas modalidades de oficinas profissionalizantes com o intuito de observar e avaliar as aptidões individuais dos aprendizes⁶.

As pessoas com deficiência intelectual (DI) e múltipla (DMU) atendidas na Apae-DF podem apresentar diagnósticos comportamentais/cognitivos variados e associados, como esquizofrenia, transtorno esquizoafetivo, transtorno do espectro autista, hidrocefalia, microcefalia, hidrocefalia congênita, síndrome de Down ou Síndrome de X frágil. Portanto, é comum que uma turma de oficina da Apae seja formada por aprendizes com diversidade de deficiência. Quando se trabalha com esse tipo de alunos, é imprescindível conhecê-los bem (SCHAMBECK, 2017).

Essa diversidade gera uma situação pedagógica que demanda habilidades interativas e emocionais do professor, bem como paciência, persistência e criatividade. Nesse trabalho educacional, uma das grandes barreiras tem sido a falta de materiais didáticos adequados e, também, a falta de capacitação dos professores de música. Na maioria das vezes, o professor tem que aprender na prática como lidar com esses aprendizes e, assim, desenvolver um conhecimento pedagógico-musical pessoal e situacional. Esse foi o caso deste pesquisador.

³Pestalozzi: sociedade que atende gratuitamente, em período integral e com assistência especializada, AS pessoas com deficiência e AS suas famílias.

⁴ AMPARE: Associação de Mães, Pais, Amigos e Reabilitadores de Excepcionais é uma instituição sem fins lucrativos, cujo objetivo é o atendimento diário e contínuo aos deficientes intelectuais e às suas famílias.

⁵ CEAL - LP: Centro Educacional de Audição e Linguagem Luduvico Pavoni, instituição beneficente.

⁶ Designação adotada para os alunos da APAE.



De acordo com os argumentos apresentados anteriormente, os seguintes aspectos se destacam: obrigatoriedade do ensino de arte para os alunos com deficiência; necessidade de formação de professores de música capacitados para atender esse público e a necessidade de socializar práticas, materiais didáticos e experiências. Esses aspectos justificam a necessidade de pesquisas sobre práticas musicais em Educação Musical Especial, objeto de estudo da pesquisa aqui relatada, bem como a importância da socialização dos seus resultados. Assim, será possível formalizar e sistematizar as atuações docentes nessa área e ampliar o campo de estudo e de práticas da Educação Musical Escolar. Nesse sentido, este trabalho objetiva apresentar a pesquisa em desenvolvimento com foco no trabalho musical da intitulada Banda Baião de 2, existente na instituição. Para isso, apresenta-se o relato do trabalho musical na banda e uma reflexão inicial sobre os efeitos desse trabalho para os aprendizes.

A EXPERIÊNCIA DOCENTE NA APAE/DF: RELATO DE EXPERIÊNCIA

O ingresso do pesquisador como docente na instituição foi dificultado pelo fato de não ter experiência com o público específico ali atendido, inclusive acerca de metodologias e práticas pedagógico-musicais a serem utilizadas, o que requereu aprendizagem no próprio ambiente de trabalho. A solução foi pesquisar metodologias que auxiliassem no processo de ensino-aprendizagem musical, um desafio a ser enfrentado em área específica, como a musical. Nicolodelli (2018) afirma que a formação de muitos profissionais vem das suas próprias atuações docentes. Essa experiência é conhecida como formação em contexto ou treinamento em serviço.

Ao longo desse aprendizado como docente, reconheci que a melhor maneira de trabalhar com os alunos/aprendizes da Apae deveria ter como base os seguintes pressupostos: a) partir do fazer musical; b) enfatizar as capacidades ao invés das limitações do aluno; c) valorizar as respostas musicais produzidas, de acordo com as potencialidades musicais de cada um. Parti de toda minha experiência profissional musical docente para obter respostas musicais eficientes dos alunos, porém, verifiquei que muitos não manifestavam interesse nas práticas pedagógico-musicais. Por isso, foi necessário entender melhor a finalidade do ensino de música no contexto da Apae-DF.



ATENDIMENTO EM CENTRO DIA

A unidade apaeana na qual a experiência foi realizada desenvolve dois tipos de trabalho: oficinas de iniciação para o trabalho e atendimento em Centro Dia. O trabalho de pesquisa se desenvolveu no Centro Dia criado na instituição para aprendizes com idade avançada e que não demonstram predisposição para o trabalho. As atividades destinadas a esse grupo visam a proporcionar-lhes uma melhor qualidade de vida e são: pintura, artesanato, teatro, educação física e música. Os demais aprendizes, eletivos para iniciação laboral, possuem habilidades e competências que visam o mercado de trabalho.

A melhor forma de musicalização destinada aos participantes da pesquisa era explorar as suas potencialidades, ou seja, analisar e entender de que forma as suas respostas musicais eram obtidas e expressas. Por isso, o objetivo geral das aulas mudou de foco e se voltou para as potencialidades musicais dos alunos. Segundo Louro (2006), o professor de música na educação especial deve desenvolver habilidades como:

Bom senso em compreender o problema, em saber das limitações e potencialidades de cada aluno e traçar um modo de alcançar seus objetivos da maneira mais eficiente possível. Isto requer paciência, dedicação e amor aos seus alunos. (LOURO, 2006, p. 38).

Para isso, foi importante perceber que as atividades musicais eram mais adequadas na sala de aula. Sem dúvida, o fazer musical coletivo por um repertório que os motivasse foi fundamental para o sucesso das atividades musicais realizadas.

A grande questão era o desenvolvimento dos alunos, para isso, algumas reflexões vieram à tona: quais práticas musicais funcionam? Por que funcionam? Quais as especificidades de cada grupo? O que eles trazem como contribuição? Qual a resposta musical individual e em grupo? Qual o entendimento musical deles? Todos esses questionamentos orientaram o trabalho atual de sistematização pedagógico musical.

Segundo Louro (2013), o atendimento pedagógico de pessoas com deficiência, na área da educação musical deve buscar uma visão ampla do fazer musical, e não apenas práticas de instrumentos, saber promover adaptações pedagógicas para atender os alunos e ter sempre em mente para quem e para quem servem as atividades musicais.



No meu processo docente, o método musical *O Passo* de Lucas Ciavatta (2003) contribuiu para o processo pedagógico-musical, uma vez que, por ele foi possível analisar quais os aprendizes demonstravam respostas rítmicas mais precisas no pulso, de acordo com o modelo rítmico do professor. Partindo desse ponto, os aprendizes com melhor resposta rítmica conseguiam tocar instrumentos de percussão que marcassem os graves ou agudos, no caso a bateria e a zabumba. Por meio desses instrumentos, o ensino de ritmos como baião, xote, rock, valsa e blues podem ser trabalhados, visto que a marcação estava fluindo e os que não conseguiam marcar a pulsação poderiam imitar os colegas que tocavam acertadamente dentro do pulso.

Por essa iniciação musical, foi possível montar bandas com os alunos, ou seja, cada horário e turma deveria ter um repertório próprio e característico dentro das potencialidades de cada um. Por exemplo, a turma que fosse capaz de executar com precisão o ritmo de baião e xote ficou responsável por tocar forró e, por conseguinte, essa seria a turma que iria desenvolver a performance em festas juninas e julinas da Apae. Cada turma foi estimulada a escolher um nome, pois, assim, seria possível dar uma identidade ao grupo e os alunos se sentiriam parte fundamental do “fazer musical”. Ser o ator principal das aulas de música faz com que os alunos aprendam e se motivem mais (SWANWICK, 2003). Portanto, trazer práticas de banda que trabalhassem um fazer musical coletivo seria capaz de despertar um sentimento de expressão própria para cada envolvido nesse processo, uma vez que eles seriam capazes de desenvolver suas potencialidades e de criarem suas identidades individuais e coletivas.

A educação musical é de extrema relevância para pessoas com deficiência. Diversos benefícios são possíveis de serem alcançados pelas atividades musicais. Joly (2003) afirma que pela música, eles estimulam a interação e a socialização com os demais colegas em sala de aula, desenvolvem o tônus muscular e a coordenação psicomotora, desenvolvem a fala e melhoram a capacidade cognitiva.

Graças a esse trabalho, a autoestima, a expressão e a comunicação de cada aluno envolvido foram fomentadas e todos os participantes se sentem presentes e donos do trabalho musical que é realizado. A partir desse trabalho têm sido realizadas inúmeras apresentações musicais dentro e fora da Apae. A proposta de bandas musicais na Apae-DF, especialmente o trabalho desenvolvido na banda Baião de 2 se parece muito com o de bandas profissionais, visto que a cada ensaio é necessário ter sempre algo novo, podendo ser repertório, arranjos, interpretações, apresentações ou novas técnicas musicais referentes à prática instrumental.



A BANDA BAIÃO DE 2

Dentre as turmas atendidas, a banda Baião de 2 vem ganhando destaque dentro e fora da Apae (como se pode verificar pelo seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=dML9W3-FgLw&t=1s>). O seu sucesso se deve ao número de apresentações feitas em diversas escolas da SEE-DF, em Saraus, eventos particulares, gravação de CD, reportagens em jornais e TV, participação em DVD. Pelo trabalho “além-muros”, que visa a inclusão de pessoas com deficiência intelectual e múltipla na sociedade, a bandeira da diversidade é mostrada de uma forma plural. Com certeza, o sucesso da banda serve de estímulo para os demais colegas e cria uma cultura musical dentro do Centro Dia, uma vez que a maioria dos aprendizes tem interesse em participar das aulas de música.

A banda foi montada em 2012 com os aprendizes que se identificavam com a aula de música do Centro-Dia pela professora Kaká Taciano. Ao entrar na Apae, eu fui inserido na banda para trabalhar a execução técnico-musical dos alunos nos instrumentos, visto que a maioria tocava intuitivamente. Aos poucos, os integrantes da Banda Baião de 2 foram se aprimorando nos instrumentos e, sobretudo, ampliando o seu conhecimento musical e domínio de palco, uma vez que suas apresentações fora da APAE são constantes. O trabalho conta hoje com dois professores de Arte – eu, Flávio Gaio, com licenciatura em Música e a cantora, Kaká Taciano, formada em Licenciatura em Artes Cênicas; dois músicos voluntários (guitarra e baixo) e nove alunos DI e DMU. Os instrumentos que compõem a banda são: bateria, baixo, guitarra, uma voz principal, dois *backvocals*, uma zabumba, um triângulo, um *cowbell*, uma meia-lua, um par de tumbadoras e um dançarino.

Como o próprio nome diz, os ritmos do forró como o xote, baião e arrasta-pé são os mais tocados. Porém, o grupo não fica restrito a esse gênero musical, pois possui um repertório bem mais eclético em que ritmos de MPB e Rock fazem parte das apresentações musicais. A tendência é cada vez mais ampliar os estilos e gêneros musicais. Atualmente, a estrutura de aulas e ensaios cresceu muito na Apae, a estrutura hoje conta com uma sala com acústica semiprofissional e com aparelhagem adequada de estúdio. A infraestrutura cresceu devido ao sucesso do projeto fora e dentro da Apae.



A aula/ensaio é organizada de acordo com a agenda musical da banda. O fator apresentação é a maior motivação dos alunos, visto que eles adoram se apresentar e sentem que esse é um dos momentos mais importantes de suas vidas. Nas apresentações, eles percebem que o público não os vê como sujeitos com deficiência, mas como verdadeiros artistas.

O processo de aprendizagem de uma música ocorre a partir de aquisição do entendimento do estilo ou gênero musical a ser aprendido. Por exemplo, se for um xaxado, as células rítmicas dele serão passadas primeiramente para a baterista e, em sequência, para a zabumbeira. Assim, a base percussiva fica pronta para a inclusão do triângulo, do agogô, da meia-lua, da conga e dos efeitos. Com isso, é possível a execução da música. Após o entendimento da forma, são criados, discutidos e ensaiados os possíveis arranjos da música, como: breques, viradas, dinâmicas, introdução e conclusão. A estrutura básica desse processo se repete em todo o trabalho de bandas, observando-se as especificidades de cada grupo: limitações físicas e cognitivas, potencialidades musicais e envolvimento emocional e afetivo com o trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados apresentados pela Banda Baião de 2 comprovam um possível caminho de práticas pedagógico-musicais significativas, que de fato consigam e possam motivar e estimular os participantes. É possível observar esse sucesso pelas inúmeras apresentações que o grupo realiza. Dentre elas, é importante destacar a participação do grupo no DVD de Dona Gracinha e do seu lançamento no Clube do Choro, uma das melhores casas de música ao vivo de Brasília (como se pode verificar pelo seguinte link: <https://www.youtube.com/watch?v=jgHISelm3S8>). Além disso, o grupo ganhou dois projetos do Fundo de Apoio a Cultura do DF (FAC - DF) em 2018. Assim, poderá gravar um CD e realizar turnê no DF com cachês dignos para todos os participantes.

Acreditar na pessoa com deficiência é um fator preponderante para a educação musical especial, pois muito além de acreditar no ensino de música como algo relevante, é fundamental crer que todos são capazes de aprender e, assim, conseguirão tocar e cantar. Não importa a deficiência da pessoa, mas enxergar a eficiência dela e estimular seu potencial para aprendizagem. É ainda importante ressaltar que pelo trabalho prático-musical, a compreensão musical dos integrantes da Banda Baião de 2 tem se desenvolvido: os aprendizes demonstram compreensão e domínio de conceitos e elementos musicais.



Para finalizar, considero importante frisar que não importa o método a ser usado, mas ter algum método. A minha experiência docente tem demonstrado que a prática musical coletiva é uma forma eficiente para se obter realização pessoal e resultado musical, uma vez que o fazer musical se torna prática e meio de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2018. Disponível em: http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_ed.pdf. Acesso em: 07 maio 2019.
- BRASIL. **Lei nº13278 de 02 de maio de 2016**. Altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que fixa as diretrizes e bases da educação nacional, referente ao ensino da arte. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. p. 1 - 3. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2016/lei-13278-2-maio-2016-782978-publicacaooriginal-150222-pl.html> Acesso em: 05 set. 2019.
- CIAVATTA, Lucas. **O passo: a pulsação e o ensino-aprendizagem de ritmos**. Rio de Janeiro: L. Ciavatta, 2003.
- CIL, Luciano Ribeiro. **Interface Educação Musical e Educação Especial: estudo bibliométrico na produção científica de dissertações e teses**. Orientador: Taísa Grasiela Gomes Liduenha Gonçalves, 2017. 71 f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Metodologias para o Ensino de Linguagens e suas Tecnologias) - Universidade Norte do Paraná, Londrina, 2017.
- FANTINI, Renata Franco Severo; JOLY, Ilza Zenker Leme; ROSE, Tânia Maria Santana de Rose. Educação Musical Especial: produção brasileira nos últimos 30 anos. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n. 36, p. 36 - 54, jan/jun, 2016.
- JOLY, Ilza Zenker Leme. Música e Educação Especial: uma possibilidade concreta para promover o desenvolvimento de indivíduos. **Educação**, Santa Maria, v. 28, n. 2, p. 79 -86, jul/dez, 2003.
- LOURO, Viviane. **Educação musical e deficiência: propostas pedagógicas**. São José dos Campos: Estúdio II, 2006.
- LOURO, Viviane. **Educação Musical e deficiência: quebrando os preconceitos**. Disponível em: https://musicaeinclusao.files.wordpress.com/2013/06/educacao_musical_e_deficiencia_quebrando_os_preconceitos.pdf. Acesso em: 24 fev. 2019.
- NICOLODELLI, Vinícius. O educador musical na educação especial: a trajetória de três professores. **Revista NUPEART**, Florianópolis, v. 19, n. 19, p. 120-139, jul/dez, 2018.
- SCHAMBECK, Regina Finck. Inclusão de alunos com deficiência na sala de aula: tendências de pesquisa e impactos na formação do professor de música. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 24, n. 36, jan/jun, 2016.
- SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.